

APONTAMENTOS SOBRE O TURISMO DOS PEQUENOS NO RIO PARAGUAI EM CORUMBÁ/MS

Notes on Tourism by Small Businessmen on the Paraguay River in Corumbá/MS/Brazil

DOI 10.55028/geop.v19i37.21087

Ana Carolina Torelli Marquezini Faccin*
Ellys Taisa Oliveira Alves**

Resumo: Neste artigo apresentamos a dinâmica do Rio Paraguai para compreender parte das atividades turísticas na cidade de Corumbá (MS), com foco no turismo oferecido em barcos de pequeno porte, classificados por nós como atividade pertencente ao circuito inferior da economia urbana. Os roteiros turísticos se adaptam em razão dos períodos de cheias e vazantes e, em nossa pesquisa, nos dedicamos a entrevistar pequenos empresários do setor, com o objetivo de coletar suas experiências frente aos acontecimentos econômicos e ambientais que acompanham as constantes mudanças das águas da bacia pantaneira.

Palavras-chave: Rio Paraguai, regime fluvial, turismo de pequeno porte, circuito inferior da economia urbana.

Abstract: In this article we present the dynamics of the Paraguay River to understand tourism activities in the city of Corumbá (MS), focusing on the parcel of tourism that is offered on small boats, classified by us as an activity belonging to the lower circuit of the urban economy. Tourist itineraries adapt due to periods of floods and drought. In this research, small business owners in the sector were interviewed aiming to collect their experiences in the face of economic and environmental events

Introdução

Corumbá possui uma extensão territorial estimada em 64.432,450 km² (IBGE, 2023), o que o torna o maior município em área do estado de Mato Grosso do Sul (figura 1), possibilitando que o mesmo abrigue cerca de 60% do bioma Pantanal e justificando-se assim o título de “Capital do Pantanal”. De acordo com o último censo oficial referente no ano de 2022, o número da população era de 96.268 habitantes (IBGE, 2023). Corumbá é um município cujas principais atividades econômicas derivam da extração mineral, a pecuária e vários tipos de turismo ligados ao Rio Paraguai.

Corumbá tem fronteira internacional com a Bolívia, o que gerou uma aglomeração urbana bastante rica em cultura e modos de vida. Essa proxi-

* Bacharelado em Geografia (2008), Licenciatura em Geografia (2009) e Mestrado em Geografia (2011) pela Universidade Estadual de Campinas - UNICAMP. Doutorado em Geografia pela Universidade Federal da Grande Dourados - UFGD (2017). Professora adjunta da Universidade Federal de Mato Grosso do Sul, Campus Pantanal (CPAN). E-mail: ana.faccin@ufms.br.

** Graduação em Licenciatura em Geografia pela Universidade Federal de Mato Grosso do Sul (UFMS), Campus do Pantanal (CPAN). E-mail: ellys.alves@ufms.br.

that accompany the constant changes in the water level of the pantanal basin.

Keywords: Paraguay River, fluvial regime, small-scale tourism, lower circuit of the urban economy.



midade física, econômica e social torna a cidade de Corumbá potencialmente atraente para vários tipos de turismo (local, regional, nacional e internacional), incluindo o turismo de compras no comércio central e, principalmente, atividades ligadas à atividade de pesca e passeios fluviais de diversos portes na bacia pantaneira.

O Pantanal é uma extensa área de planície alagada localizada na região Centro-Oeste do Brasil e na porção noroeste do estado de Mato Grosso do Sul (figura 2). A mesma é conhecida como sendo a maior área alagável intercontinental do mundo, chamando atenção para as constantes mudanças em suas paisagens. Na figura 2 podemos observar, com o apoio da legenda, onde se localizam tradicionalmente as áreas sujeitas à inundação, com destaque para o município de Corumbá. Nesse contexto, o Rio Paraguai é um dos principais responsáveis por conferir uma paisagem exuberante, que se multiplica em vários pantanais; a diversidade de paisagens é tanta que, teoricamente, o Pantanal pode ser dividido em diferentes sub-regiões, cada qual possuindo características peculiares e únicas.

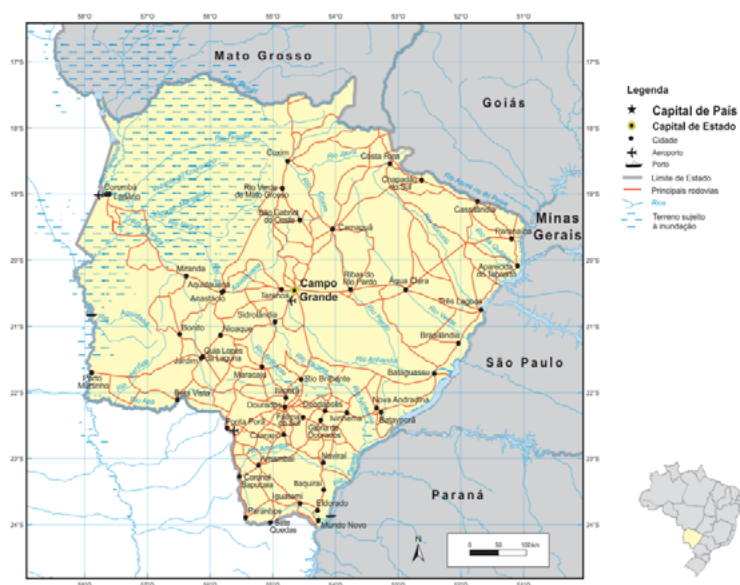
Figura 1. Mapa de localização do município de Corumbá no estado de Mato Grosso do Sul¹



Fonte: Cogec/Dipla/Prodi/IFMS.

Fonte: IFMS (2020).

Figura 2. Indicação de terreno sujeito à inundação em Mato Grosso do Sul (região pantaneira)



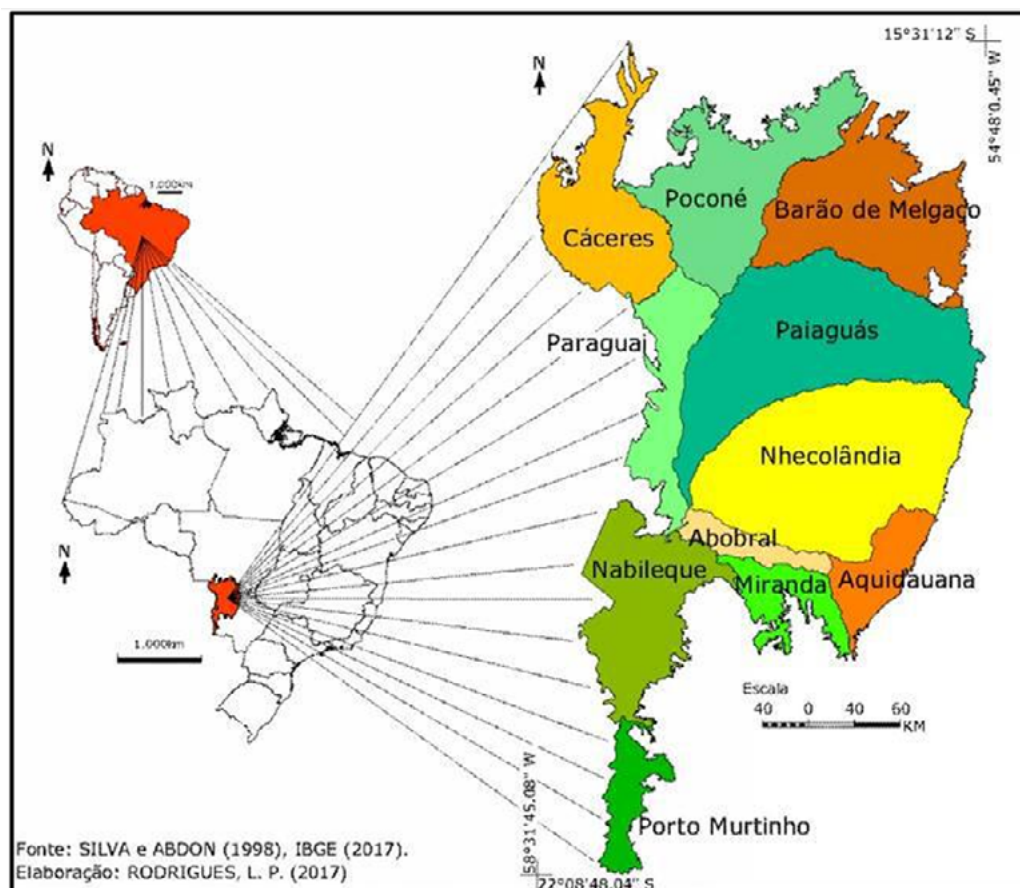
Fonte: IBGE (2023).

¹ Ladário, município autônomo, é um enclave dentro do território municipal de Corumbá.

A Embrapa Pantanal identificou 11 áreas úmidas, cada uma com características únicas de solo, vegetação e clima, sendo elas: Cáceres, Poconé, Barão de Melgaço, Paraguai, Paiaguás, Nhecolândia, Abobral, Aquidauana, Miranda, Nabileque e Porto Murtinho (Embrapa, 2014). São essas, portanto, os 11 pantanais (figura 3) que, juntos em toda a sua complexidade, formam a região que conhecemos comumente como bioma Pantanal.

Dada essa abordagem inicial, nosso artigo é focado principalmente no Pantanal do Paraguai e da Nhecolândia que, dentre todos os pantanais citados anteriormente, são as áreas mais visitadas pelos turistas que se deslocam em busca de aventuras, belas paisagens e experiências únicas em Corumbá.

Figura 3. Mapa dos 11 pantanais, regiões distintas entre si dentro do grande complexo do bioma Pantanal



Fonte: Carvalho *et al* (2018), com base em Silva & Abdon (1998).

O pantanal da Nhecolândia, particularmente, é tido como “porta de entrada” do pantanal e os municípios que estão inseridos neste pantanal são Aquidauana, Miranda, Coxim e Corumbá, todos municípios de Mato Grosso do Sul. É importante salientar que esta parte do Pantanal é a mais visitada, por ser de mais fácil acesso em comparação aos demais pantanais (Almeida, 2007).

Dado esse contexto inicial, em nosso artigo apresentamos a dinâmica do Rio Paraguai para melhor compreender parte das atividades turísticas na cidade de Corumbá (MS), com foco no turismo oferecido em barcos de pequeno porte, classificados por nós como atividade pertencente ao circuito inferior da economia urbana (Santos, 1979). Os roteiros turísticos se adaptam em razão dos períodos de cheias e vazantes e, em nossa pesquisa, nos dedicamos a entrevistar pequenos empresários do setor, com o objetivo de coletar suas experiências frente aos acontecimentos econômicos e ambientais que acompanham as constantes mudanças das águas da bacia pantaneira.

Breve dinâmica das águas do Rio Paraguai no Pantanal

O sistema do Rio Paraguai é caracterizado por uma resposta lenta às chuvas, o que pode ser explicado pelo formato da bacia (figura 4), sua baixa declividade e pela grande capacidade de armazenamento da cobertura superficial (Grizio-Orita; Queiroz, 2013). No Pantanal, a distribuição média anual das chuvas diminui gradativamente no lado Alto e no Baixo. Na região serrana os valores variam entre 1.601-1.800 mm, enquanto na bacia do rio Paraguai, este valor varia entre 1401-1600 mm. Na região de Cáceres os valores anuais oscilam entre 1.201-1.400 mm, diminuindo para 1.001 mm em algumas áreas do Baixo Pantanal (Camargo, 2011).

Dessa forma, as inundações no Pantanal dependem diretamente da “chuva do planalto” (figura 4). Além disso, devido ao fluxo e transporte através dos canais, esta área é frequentemente inundada em suas áreas mais baixas (indicadas pelas cores azuis da figura 4).

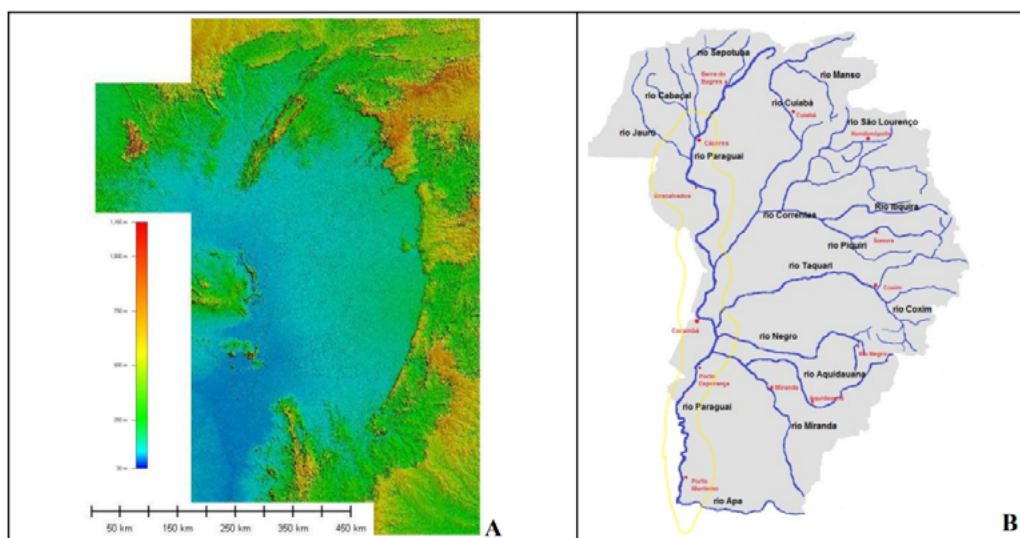
Durante a época de cheia ocorre o transbordamento nas várzeas e, quando os níveis das águas estão baixos, com redução do volume de água e devido à sedimentação, há alteração na configuração dos canais dos rios – canais e várzeas. Desta maneira o Rio Paraguai é um dos principais rios receptores de águas em seus afluentes, devido a sua formação geológica, o que impulsiona com o aumento das precipitações o escoamento de sedimentos e águas para sua planície.

O período de cheia forma uma diversidade de campos com uma mistura de lagos em sua maior parte do pantanal, os períodos de enchentes ocorrem devido a formação de calhas em torno da parte baixa da planície, em que períodos de

maiores precipitações toda água drenada da parte mais alta escorre para a parte mais baixa, aumentando o volume fluvial nas bordas das planícies e avançando para os campos e enchendo os lagos que até então estavam secos, geralmente nos meses de outubro a março.

O Pantanal é uma região que possui características climáticas e geográficas que a tornam única e que se renova anualmente com um ciclo sazonal, controlado pelas águas. Durante as cheias, as partes mais baixas do Pantanal ficam submersas.

Figura 4. Mapa hipsométrico da bacia do Rio Paraguai (A) e rede hidrográfica do alto Paraguai (B). Rio Paraguai em destaque, indicado dentro da área amarela (adaptado pelas autoras)



(A) Mapa hipsométrico da bacia do rio Paraguai em território brasileiro. (B) Rede hidrográfica do Alto rio Paraguai (rios principais e com barragens).

Fonte: Souza Filho (2013, p. 120).

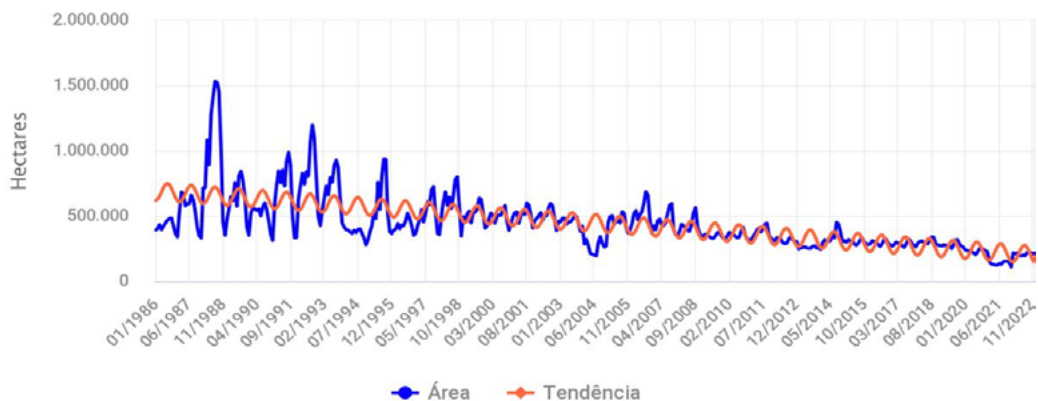
Os animais têm que vasculhar as partes superiores das terras e o gado, por meio de mensageiros, é trazido para essas áreas não alagadas. Durante a estação seca, os animais voltam a se espalhar pela região, servindo-se de alimentos aquáticos provenientes de áreas secas. O período de vazante se inicia no mês de abril a junho, quando as chuvas já diminuem gradativamente e o solo começa a aparecer onde antes somente havia áreas alagadas e toda a água que estava sobre o solo alagado recua para dentro dos rios.

Ao contrário de outras áreas úmidas, “o Pantanal é uma grande área que sofre inundações sazonais que vão de janeiro a junho, mas tem grandes picos de inundação em meses diferentes em cada parte do delta” (Macedo, 2017, p. 35). Em meio a essa dinâmica, há comumente períodos de secas e cheias históricas. Recen-

temente, os dados da plataforma Mapbiomas indicam níveis cada vez mais baixos de superfície de água no município de Corumbá, nos últimos anos (figura 5).

Figura 5. Série temporal mensal da superfície d'água em Corumbá (MS)

Série temporal mensal de Superfície d'água - Corumbá



Fonte: MAPBIOMAS (2023).

Em fotos locais, os dados de superfície de água se traduzem em áreas antes cobertas por água ficando cada vez mais secas, criando praias e áreas descobertas, como nas figuras 6 e 7. Nas figuras 8 e 9 podemos observar o comparativo entre a superfície de água do ano de 2003 e do ano de 2022, em imagens de satélite disponíveis pela plataforma Mapbiomas (2023).

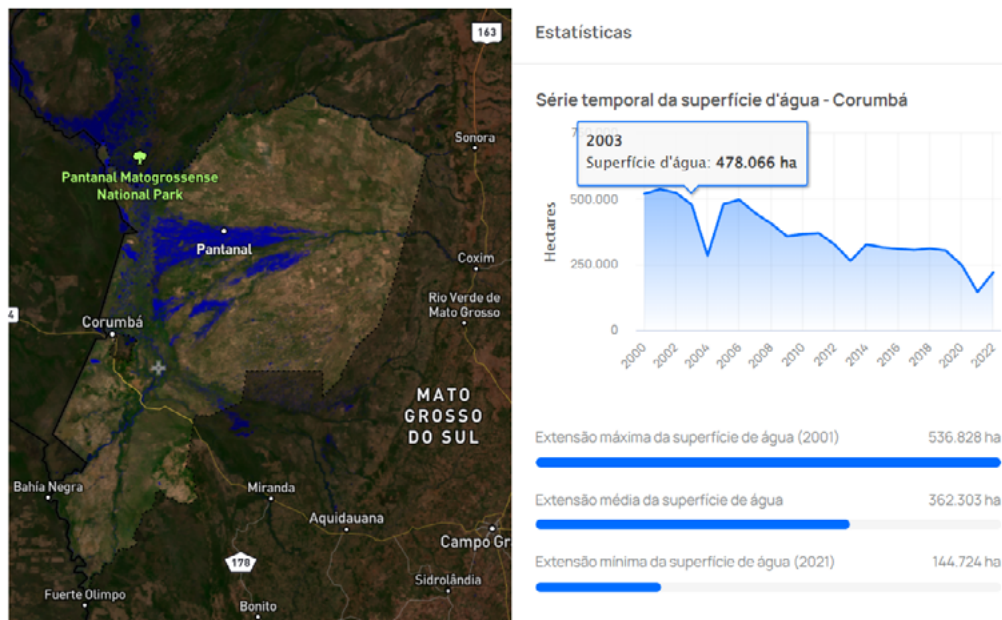
Figura 6. Porto Geral, Corumbá, outubro de 2020



Fonte: Acervo das autoras, outubro de 2020.

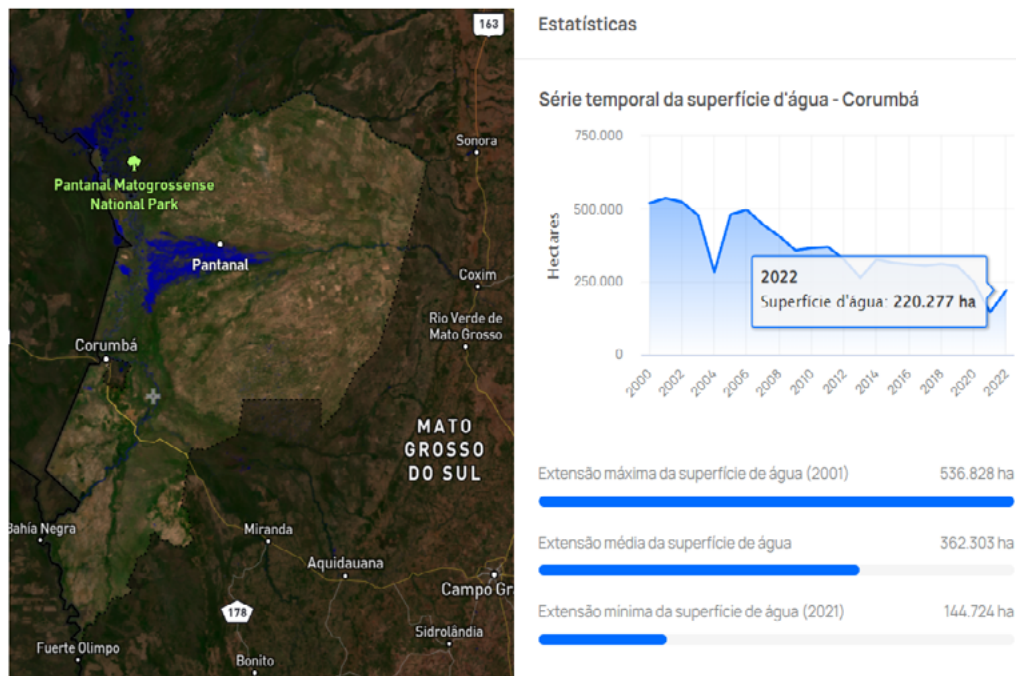
Figura 7. Porto Geral, Corumbá (MS), outubro de 2020

Fonte: Acervo das autoras, outubro de 2020.

Figura 8. Imagem de satélite (ano de 2003) e série temporal da superfície de água em Corumbá (2000 a 2022)

Fonte: Elaborado pelas autoras com base em MAPBIOMAS (2023).

Figura 9. Imagem de satélite (ano de 2022) e série temporal da superfície de água em Corumbá (2000 a 2022)



Fonte: Elaborado pelas autoras com base em MAPBIOMAS (2023).

Para entendermos a dinâmica das enchentes, é necessário entender que o pantanal está em uma região de planície tectonicamente ativa e constantemente recebe cargas de sedimentos e água de diversos aluviais (Assine, 2003). Segundo o mesmo autor, “o leque do Taquari é a feição mais notável na geomorfologia do Pantanal, é um sistema deposicional imenso e pouco conhecido geologicamente” (Assine, 2003, p. 9). Quando falamos em cheia, toda água de escoamento é oriunda do megaleque que é uma rocha com um declínio que escoar toda a água de chuva através de seus sistemas de drenagem para a parte mais baixa do Pantanal, gerando impacto positivo e negativo no modo de vida as populações que vivem na dinâmica das águas e, muitas vezes, tiram dela o seu sustento diário.

O Rio Paraguai e atividades de turismo de circuito inferior em Corumbá (MS)

O rio Paraguai é o elemento-chave no contexto turístico da região, pois é o meio de vida e referência de valores culturais e naturais, ou seja, está invariavelmente conectado aos fazeres da região, em um cotidiano específico, um modo de vida.

Segundo Andrade (2002, p. 38):

turismo é o complexo de atividades e serviços relacionados aos deslocamentos, transportes, alojamentos, alimentação, circulação de produtos típicos, atividades relacionadas aos movimentos culturais, visitas, lazer e entretenimento.

Os turistas que chegam no Porto Geral de Corumbá (figura 10) encontram diversas opções de passeios de barcos, de curta, média e longa duração.

Figura 10. Porto Geral de Corumbá (MS) durante final de semana



Fonte: Acervo das autoras, janeiro de 2020.

Tais opções também podem ser tipificadas em duas categorias: formais e informais. As atividades formalizadas são as cadastradas, monitoradas e incentivadas pelo poder público, recolhem impostos, geram estatísticas de suas atividades, têm grande publicidade e giram valores altos em duas temporadas. São empresas cujos barcos fazem trajetos confortáveis para turistas de todas as idades e diversos objetivos no Pantanal de Corumbá (figura 11).

Também no Porto Geral encontram-se empresas menores que trabalham em parcialmente ou totalmente na informalidade. São meios mais acessíveis de se fazer a atividade turística, seja por meio de passeios individuais, estilo *stand up paddle* ou caiaques, barcos menores para pesca ou turismo de contemplação.

Figura 11. Porto Geral, ponto de embarque dos barcos de pequenas e grandes empresas de turismo fluvial de Corumbá (MS)



Fonte: Acervo das autoras, janeiro de 2023.

É uma situação que podemos remeter à teoria dos dois circuitos da economia urbana, propostos por Santos (1979), aqui percebidos em uma abordagem mais atualizada, conforme proposta de Faccin (2015; 2018). Em sua definição, assumimos que:

Criam-se dois circuitos econômicos: o superior e o inferior, pelos quais podemos passar a ver a cidade. O circuito superior é produto direto da modernização tecnológica (elemento representativo: monopólio, com ações verticais, externas). O circuito inferior compreende atividades de pequena dimensão, direcionada às populações pobres e mantém relações privilegiadas com a região (Santos, 1979). Segundo o autor, um grande erro na análise de economias urbanas é supor que apenas há o setor moderno. O circuito inferior é tido como elemento indispensável à compreensão da realidade urbana (Faccin, 2018, p. 10).

Em detalhes, temos que

Santos (1979) defende que na estrutura tripartite da economia, o circuito inferior é comumente encaixado como 'terciário' na literatura sobre subdesenvolvidos, que definem como terceirização as condições de subemprego resultantes de uma urbanização sem industrialização (ou 'terciário deformado' em análises mais recentes). Mas o circuito

inferior, afirma o autor, cobre uma área muito mais ampla que a expressa pelo termo 'terciário'. O circuito inferior seria resultado de uma situação dinâmica e englobaria as atividades de serviço como a doméstica e os transportes, assim como artesanato e formas tradicionais de produção (Faccin, 2018, p. 14).

Assim, às margens do Rio Paraguai em Corumbá o turista pode acessar atividades com valor mais alto (pertencentes ao circuito superior da economia, como cruzeiros com serviços de alimentação e hospedagem) ou passeios mais curtos e com valor menor (ligados ao circuito inferior da economia urbana). O turismo local exige de seus agentes um conhecimento preciso que faz parte de suas atividades diárias; pois ensinam aos turistas noções da história local, conservação da natureza, culturas locais, dando principalmente dicas de lazer e pesca. O conhecimento local é relevante para interagir com os turistas, pois cada pessoa caracteriza o local através de suas próprias perspectivas e vivências.

Podemos afirmar que o turismo em Corumbá é desenvolvido de acordo com as características sempre em constante mudança da região; portanto, apresenta itinerários quase exclusivos a cada mês do ano, de acordo com as mudanças da paisagem graças à dinâmica do Rio Paraguai.

Com base em observações locais, as épocas de vazantes é possível fazer vários tipos de lazer, já que o nível do rio Paraguai está abaixo do normal. Na figuras 12 e 13 podemos observar bancas de areias que ficam expostas, um bom local para uso de lazer de banho, sendo possível aproveitar os espaços para banho e piquenique ao ar livre, um local em que a própria população e turistas podem aproveitar mesmo na estação seca.

No Rio Paraguai o período da vazante é marcado por uma lentidão do curso d'água, que pode ser percebida nos lagos e cabeceiras dos rios devido à estrutura de planície. Já em tempos de cheia, o cenário é propício para atividades esportivas aquáticas, bem como *stand up*, canoagem, sendo possível adentrar mais nos lagos inundados, inclusive formados em cima de chácaras (figura 14), onde se observa uma imensidade de animais e plantas aquáticas, com destaque para vitórias-régias.

Em tempos de vazantes ou seca, o cenário fica ideal para as aventuras e passeios em terra firme, sendo possível adentrar áreas antes alagadas por meio de veículos propícios por estradas que, historicamente já existiam anos atrás, por causa de caminhos boiadeiros.

Figuras 12 e 13. Prainha do Limoeiro, Corumbá, novembro de 2020



Fonte: Acervo das autoras, novembro de 2020.

Figura 14. Chácara alagada vista durante passeio de caiaque, Corumbá (MS)



Fonte: Acervo das autoras, julho de 2023.

Os principais pontos de turismo popular, ligados ao circuito inferior da economia urbana, dependendo do período de cheia ou vazante, podem ser verificados na figura 15.

Figura 15. Principais pontos turísticos às margens do rio Paraguai em Corumbá (MS)



Fonte: Elaborado pelas autoras com base no Google Maps (2023).

Observamos na figura que estão destacados alguns pontos especiais em relação ao Rio Paraguai. Os pontos Rancho 1 e Rancho 2 são locais de referência da pequena empresa Zé Leôncio Passeios. Os demais são:

- 1- A orla do Porto Geral, local gratuito aberto para público em geral, que pode contemplar a fauna e flora *in loco*; neste local é possível encontrar diversas modalidades de atividades turísticas, sendo o ponto de partida para variados tipos de barcos de passeios expressos, ou seja, passeios com curta duração aos barcos com passeios de média a longa duração.
- 2 - A prainha do Porto Geral torna-se o principal atrativo para a população e turistas que visitam a cidade, sendo o local onde são feitos a maior parte das atrações turísticas, competições e atrações culturais, como campeonatos de canoagem, natação, banho de São João (festa religiosa local), entre outros.

- 3 – A Prainha do Limoeiro: em período de vazante é possível notar uma longa faixa de areia, que atrai não só como a população da cidade, mas também visitantes para apreciar as praias que se formam ali, possibilitando o banho às margens do rio Paraguai.
- 4 – A Cacimba da Saúde é considerada uma piscina natural com água transparente e fica localizado às margens do canal Tamengo; é um local mais afastado dos principais pontos porém é procurado pelos turistas. Ao lado da Cacimba da Saúde encontra-se a casa do Massa Barro, onde estão os artesões que confeccionam uma diversidade de animais pantaneiros e esculturas com argila local, no antigo bairro Cervejaria. Alguns turistas podem chegar nesses referidos locais com seus veículos próprios ou com veículos denominados “carros de aplicativo”, gerando lucratividade aos motoristas de plataformas.

Segundo Assine (2003) “o Pantanal é uma área mundialmente conhecida como um importante ecossistema, rico pela sua grande biodiversidade, onde a ocupação humana é ainda de densidade baixa e as atividades econômicas são restritas à pecuária” (Assine, 2003, p. 11). Ao longo dos anos a ocupação dos espaços às margens do rio Paraguai vêm aumentando e, com esse avanço, a oferta de lazer ecológico vem sendo mais uma opção para aqueles que buscam apreciar mais de perto a natureza. Com isso, os pequenos empresários informais vêm investindo em seus espaços próximos ao Rio, buscando subsistência e novos modos de vida de acordo com a dinâmica turística local.

O contexto do turismo fluvial do ponto de vista dos pequenos em Corumbá (MS)

No cenário dos passeios de barco de pequeno porte, apresentamos o relato do senhor Everaldo Alves Sobrinho, conhecido como Zé Leôncio (figura 16), proprietário da pequena empresa Zé Leôncio Passeios, em Corumbá (MS). Foi realizada entrevista guiada por perguntas abertas, de modo a possibilitar a livre expressão do entrevistado. Suas repostas, reproduzidas aqui com poucas alterações semânticas, estão apresentadas transcritas na integridade a seguir.

Pergunta 1. Como era antes a situação do rio Paraguai nas proximidades de Corumbá? Era possível pescar, existiam os mesmos problemas que existem hoje?

Bom, a situação dos rios aqui nas proximidades de Corumbá na década de 1980 e 1990 era muito diferente de hoje, porque as condições de desmatamento não eram tão grandes no Alto Taquari, as lavouras de soja, naquela região de São Gabriel do Oeste, Rio Verde, Coxim, aonde o Taquari desce, passa no meio da cidade que ele

nasce lá na Barra do Jauru. Então nesse trajeto até Corumbá ele descia e bem canalizado, desaguava no Rio Miranda, saía lá perto da ponte e com essa devastação e assoreamento, ele foi morrendo aos poucos; a gente sobrevoava muito aquela região ali, aí via vários canais parecendo veia de um corpo humano quando começava a encher, ele perdia sua rota. E aí ele saía fora, criava canais, você passava de barco hoje num lugar, amanhã já passava em outro, aí ele foi modificando o seu canal, o seu leito, aí ele desviou num período de oito anos, seis, oito anos, ele morreu nessa região. Ele voltou, aí ele voltou pra trás num trecho mais ou menos de cem quilômetros, ele desviou pra trás, ele voltou pra trás aí ele começou a sair aqui pra cima do Rio Paraguai e do Rio Paraguai Mirim. Ele saía, caía no Rio Negrinho, do Negrinho ele vinha esparramado, não era leito. Quem fazia leito eram os barcos, ele saía aqui no Paraguai Mirim, caí no Paraguai Mirim. Há quinze anos por aí, como deu aquela época de seca, abriram uma uma vala pra ele inundar o campo, porque o gado não tinha água. O Rio Taquari arrombou, chama “arrombado do Zé da Costa” lá em cima. Esse arrombou essa região lá, assoreou mais ainda, aí esparramou totalmente quando foi agora nesses anos tinha até possibilidade de quatro, cinco anos atrás ele tornou a assorear e voltou novamente pra trás mais cem quilômetros, vamos dizer assim, que ele tá saindo já na região da Laranjeira, região da Rio Paraguai Mirim lá em cima, daqui até lá dá 125 quilômetros de Rio Paraguai. Acabou que ele chega na época da seca agora, ele cai no rio Paraguai ao invés do Paraguai Mirim, está correndo pra sair aqui embaixo no rio Paraguai como entrou água do Taquari lá, ele voltou pra trás, o rio corre, com certeza, ao contrário, correnteza forte, eu tive de barco lá, ele voltou pra trás jogando do rio Paraguai lá em cima (Alves Sobrinho, 2023).

Figura 16. O empresário local Everaldo Alves Sobrinho



Fonte: Arquivo pessoal, novembro de 2023.

Então agora daqui pra frente a gente não sabe o que que vai virar, porque daí assoreou o Paraguai, o Taquari que o Paraguai-Mirim ainda tá um pouco canalizado, porque são quase três rios que cai nele ali, e ele joga aqui no Paraguai, que é mais fundo. Então ele canalizou muito. Está bom de navegação na época de enchente, na cheia agora pra gente navegar no rio Paraguai é nem a Marinha acerta as placas que põe de navegação e indicação de canal quando é época das secas as placas elas não já não tem mais sentido, você tem que conhecer como um conhecimento prático pra navegar porque lugar que tinha trinta anos de navegação eu eu passei, eu preguei o barco duas vezes em lugar que eu passava indo pra minha fazenda e virou um alagado, virou um local que tinha trinta centímetros de água, aí foi assoreou os camalotes (figura 17) que pregaram no meio do rio criando ilhas (Alves Sobrinho, 2023).

Figura 17. Vegetação de camalotes no Rio Paraguai

Fonte: Acervo das autoras, trabalho de campo, setembro de 2023.

E o rio Paraguai tem uma barranca com um afloramento que às vezes eu tô no GPS com quatro metros, cinco metros, de repente ele cai pra dois e vinte, quer dizer, isso é uma lombada dentro do rio e de quinhentos em quinhentos metros ele tem essa lombada, eu naveguei agora na última viagem duzentos quilômetros, da Serra do Amolar até Corumbá e não naveguei em nenhum lugar com mais de seis metros. Então, essa situação hoje é essa e tá daí pra pior porque tão mexendo, se mexer piora. Então agora vamos ver o que vai acontecer daqui pra lá, mas a previsão é que vai virar com lixo também. E os campos com queimada, essas queimadas muito forte com chuva, tá matando até a vegetação nativa, que é a embaúba, uma árvore nativa da beira do rio. Eu tenho ali no meu rancho uma embaúba morreu esse ano, mesmo sendo que é adequada, veio muito forte com a cinza. Eu creio que são as cinzas (que matam as árvores), que as árvores não aguentam respirar aquela cinza, então elas morrem. É mais ou menos isso aí a situação hoje. Peixe nem piranha está pegando mais. Antigamente era muita piranha porque a depredação também era demais. Os peixes que a gente tem aqui, a devastação tá muito e não tem fiscalização, ninguém tá nem aí pra isso (Alves Sobrinho, 2023).

Pergunta 2. Como é hoje a situação do rio, navegação, pesca, turismo de passeio. Como o senhor compreende a situação hoje?

Essa área que eu disse, de Cáceres até Corumbá, Cáceres a 660km de navegação com esses trechos todos assoreados e com entupimento, inclusive ali pra cima da Serra do Amolar, passando na Bahia da Gaíva, na divisa com Bolívia tem que ter embarcações direta ali abrindo o canal aonde estava o nosso barco agora lá o Tapajós, ficou dois meses lá pra desentupir, tirar camalote das curvas, porque ele entope tudo e não passa em barco nenhum. Então de lá pra cá, de Cáceres até aqui essa dificuldade. Passando a Baía da Gaíba pra baixo bem mais fácil, bem melhor. Então, você passa de Corumbá ao Rio APA, do Rio APA até Assunção, onde tem o marco zero são 2.677km de navegação no rio Rio Paraguai. Saindo de Corumbá pra Porto Murtinho 600km. Até a Foz do Alto, mais 70km, somando 670 km. E essa navegação daqui pra baixo o Paraguai vai encontrar aqui o rio Miranda, que cai da ponte pra baixo e da ponte pra baixo em Porto Bush até Forte Coimbra, de Forte Coimbra pra baixo tem um trecho muito assoreado que a gente chama de travesseiro, que tem aquela placa que tem um X; Ela tem cinco travestil em um trecho de dois quilômetros cruza, faz um Z pra lá e pra cá, para poder cruzar ali, num passa reto. E agora na seca todas as embarcações que descem com o minério tem que desfazer o comboio de vinte e cinco barça, passar de uma em uma, desfaz o comboio daqui e refaz o comboio do outro lado pra poder descer até Porto Murtinho, de Porto Murtinho aí pega o APA aí vai até a solução, essas embarcações eles descem com vinte e cinco barça de minério carregada. Cada barça leva (equivale a) duzentos caminhões de minério ou soja. E um navio só leva uma quantidade dessa. Então a hidrovia, ela é muito importante. E apesar de tudo isso tá acontecendo, tentar resolver não vai porque as lavouras de soja aqui de cima que acabaram com tudo isso aqui pra baixo. A dificuldade que tem da navegação hoje é essa, porque quando nós chegamos aqui em Corumbá em 1991 tinha um navio que vinha de Assunção aqui, chamava Aquidaban. E era o navio de transporte de passageiros e cargas e trazia aqueles paraguaios que fazem artesanato, peruanos, todos eles vinham até Corumbá, era um navio de passageiros, a última viagem dele foi em 1994 e daí pra cá ele não conseguiu mais passar nesse trecho de Porto Murtinho pra cá, que é ali perto de Forte Coimbra. Então, nesse rio Paraguai realmente está acontecendo tudo isso e aí as pessoas que são formadas de agora, eles são doutores, são tudo mas não conhecem o que aconteceu com a vegetação, com as margens, com as curvas do rio (Alves Sobrinho, 2023).

O senhor Zé finalizou e enfatizou que, se houver alguma catástrofe, na opinião dele nós vamos perder todo esse Rio que passa em frente a Corumbá pelo

assoreamento, o que vai prejudicar a captação de água, pois o Rio Paraguai se desviaria diretamente para Ladário, longe da orla de Corumbá.

A senhora Luceni trabalha diariamente com turismo ecológico, levando turistas várias vezes ao dia para passeios de até 2 horas na orla de Corumbá (figura 18 e 19).

Pergunta 3. A atividade com os turistas começou quando? Mudou muita coisa nesses anos?

Eu comecei trabalhar no ano de 1988, e na época tinha muita diferença entre as vegetações. O Pantanal era mais preservado no sentido de menos tráfego de barco. E então, assim, havia muitos jacarés para mostrar. A gente navegava e com facilidade, se via jacarés, se via muitas, muitas aves. E hoje, com o passar dos anos, nós tivemos de 2019 a 2022 uma seca e que nessa seca houve fogo, se queimavam muitas árvores; um dos bichos que hoje eu sinto mais falta de ver é sucuri. Sucuri é uma serpente, ela não é uma serpente da água e sim vive nos campos e eu acredito que, com o fogo, perdemos muitas serpentes (Alves, 2023).

Figura 18. Montagem de imagens de reportagem da TV Morena Corumbá, entrevistando dona Luceni sobre o turismo no Pantanal



Fonte: Montagem realizada pela autora com imagens de reportagem da TV Morena Corumbá (2023).

Nós tivemos, além da seca em 2019, a pandemia, com muitas pessoas desempregadas e até havia uma conversa que o Pantanal poderia ficar 50 anos seco, que era um ciclo de 50 anos cheio, de 50 seco, que tinha terminado o ciclo da cheia. Muitas pessoas invadiram as margens do Rio, mudaram muita característica daquilo que nós tínhamos de campo fechado. Hoje se encontram muitas moradias na beira do Rio e o movimento de pessoas afasta os animais. A preservação do campos,

a preservação do Rio era bem maior e na época existiam poucas embarcações de turismo, poucos barcos-hotéis. E, para pescar na época, a gente tinha muito mais peixes, o Rio era mais povoado de peixe do que hoje. Então, era muito mais fácil pegar peixe. Nós não sabemos o que veio ocorrendo, se houve falar... Alguma falha na medida do peixe? Mas hoje para pegar uma piranha, há muita dificuldade. Ouço tanto dos pescadores como dos turistas, assim, em Corumbá a gente passa por aqueles pescadores profissionais e eles relatam 'Ah, estamos aqui desde a 4 da manhã, 3 horas da manhã, é meio-dia e ninguém pegou nada' ou talvez pegou um peixe pelo tanto que já trabalhavam, então hoje está muito difícil pegar peixe aqui no Rio Paraguai (Alves, 2023).

Pergunta 4. O que poderia ter de apoio do poder local para melhorar sua atividade?

As secretarias teriam que estar mais ativas, ter mais vistorias, não só na margem do Rio. A atuação da Polícia Florestal, é mais difícil pois muitas vezes falta insu-mo, falta gasolina ou até mesmo um barco. E, no meu entendimento, as multas que são geradas teriam que ficar aqui para o município de Corumbá". No meu ponto de vista, deveria criar uma Polícia Municipal, pois há muitas multas gera-das, vai para onde? O poder público devia estar fazendo autuações, começando com os próprios ribeirinhos, afim de trazê-los ao entendimento, porque é preciso preservar. Teria que ter reciclagem com essas pessoas, ensinamento de que não pode colocar fogo, que não pode jogar o lixo, que tem que trazer o lixo, enfim, criar alguma meta de conscientização do meio ambiente com os ribeirinhos, com os pescadores, com as famílias, filhos, pescadores. Começar pelas crianças, porque as crianças hoje, elas ajudam muito a levar para dentro da casa o conhecimento e eles acabam influenciando os pais a melhorar o meio ambiente (Alves, 2023).

Pergunta 5. Qual o papel do atendimento ao turista, seu trabalho contribui para conservação do meio ambiente local?

Eu trabalho com turismo ecológico, não trabalho com pesca e o meu trabalho é um trabalho que eu faço para o turista venha a conhecer a história da cidade, a história do Rio, do nascimento, da criação do Rio, do nome do Rio. Eu trabalho também com os pássaros, com a natureza. Eu tenho bastante conhecimento em nome de aves e eu levo as pessoas, e eles acabam levando daqui cada passarinho na mente. E faço com que eles também possam compreender que nós temos aqui preservar o Pantanal. E sempre que estou navegando, eu faço coleta de alguma garrafa, algum plástico. Tenho uma luta muito grande. E uma questão muito grave, que atualmente tem acontecido recente é a matança de jacarés. Se criou o

costume muito grande de comer a carne do jacaré e esse costume não era para ser jacaré do Pantanal e sim do criadouro. Mas eu não sei qual é a situação, pois hoje a gente vê muitos jacarés mortos no Rio Paraguai, nas margens (figura 20). E não é para tirar o couro? Algumas pessoas ainda pergunta se existe coureiro? Não, não temos mais coureiro, é carne mesmo. E que isso não é certo O certo é comprar a carne lá na fazenda de criação de jacaré, a Caimasul. Eles criam jacaré a favor da conservação do Pantanal. E não concordo com poluição e incêndio na beira do Rio Eu tenho feito muita reclamação com as pessoas sobre isso, pessoas que vêm pescar no canal Tamengo, pois deixam um fluxo de sacolinhas, garrafas pet e eu, às vezes até eu falo, 'olha, vocês estão pescando aí, levem as suas garrafas pet vazias para suas casas'. Eu luto, eu luto contra. Aquele que degrada, degrada o meio ambiente. Enfim, eu não concordo com desmatamento na margem do Rio Paraguai (Alves, 2023).

Figura 19. Passeio de barco sob comando da Dona Luceni, contando a história da cidade de Corumbá (MS) (ao fundo) e do rio Paraguai



Fonte: Acervo das autoras, março de 2020.

Figura 20. Restos de corpos de jacarés abandonados em corpo d'água na Estrada Parque Pantanal, em Corumbá (MS). Somente a cauda é retirada para proveito da carne.



Fonte: Acervo das autoras, trabalho de campo em setembro de 2023.

Os apontamentos do Sr. Zé Leoncio e Dona Luceni, por meio da entrevista estruturada, nos apresentaram o turismo de uma forma a compreender intrínseca relação entre os pequenos e o meio (composto de elementos naturais, sociais, econômicos e culturais). Esta visão baseada em conhecimento empírico de trabalhadores que há anos conhecem na prática o funcionamento do turismo por conta do cotidiano é muito relevante para embasar todo o conhecimento teórico aqui apresentado.

Considerações finais

Através das entrevistas podemos perceber que o impacto do turismo dos pequenos, pois este contribui para a preservação do patrimônio histórico, artístico e cultural, promove a conservação, restaura tradições locais como o artesanato, as danças tradicionais, as festas, a gastronomia, entre outros. O turismo gera atividades econômicas e sociais nos mercados locais, cria oportunidades de emprego,

aumenta o rendimento e reforça a solidariedade local, criando oportunidades de lazer acessíveis e em maior harmonia com o entorno.

Entende-se que o turismo desempenha um papel importante nas áreas de intercâmbio econômico, cultural e social, pois reflete em grande parte as economias locais, regionais e nacionais. No entanto, para planejar e desenvolver adequadamente as áreas turísticas é importante conhecer as opiniões das pessoas que vivem na área turística, porque as populações locais são uma parte importante do desenvolvimento.

Neste trabalho tentamos compreender a dinâmica natural da bacia do Rio Paraguai, de cheias e vazantes, suas recentes alterações, como o período de seca histórica, para traçarmos uma análise sobre determinadas atividades turísticas, entre turismo formais e informais, e seus problemas atuais na orla fluvial de Corumbá (MS).

Entre uma breve caracterização da bacia hidrográfica e sua dinâmica de planície, mesclamos uma compreensão sobre atividades turísticas ligadas ao Rio e problemas atuais derivados de razões além da esfera regional, como as mudanças climáticas globais. Oscilando entre o aspecto global e o local, aprendemos com os relatos que os problemas do turismo se encadeiam em uma situação complexa de problemas ambientais, e que somente uma forte consciência coletiva de conservação ambiental poderá barrar um futuro de degradação ambiental e do clima, com atitudes individuais amparadas por políticas públicas.

Referências

- ALMEIDA, N. P. **Segmentação do turismo no Pantanal brasileiro**. Campo Grande, MS: Editora UFMS, 2007.
- ASSINE, M. L. **Sedimentação na bacia do Pantanal Mato-Grossense, Centro-Oeste do Brasil**. 2003. 106 f. Tese (Livre-docência) – Universidade Estadual Paulista, Instituto de Geociências e Ciências Exatas, 2003. Disponível em: <http://hdl.handle.net/11449/108382>. Acesso em: 6 maio 2022.
- CAMARGO, L. (Org.). **Atlas de Mato Grosso: abordagem socioeconômico-ecológica**. Cuiabá, MT: Entrelinhas, 2011. 96 p.
- CARVALHO, E. M.; PEREIRA, E. A. A. S.; LEITE, E. F. Compartimentação geomorfológica do Pantanal da Nhecolândia/MS. In: SIMPÓSIO DE GEOTECNOLOGIAS NO PANTANAL, 7., 2018, Jardim, MS. **Anais [...]**. Campo Grande: Embrapa Informática Agropecuária/INPE, 2018. p. 460-469.
- FACCIN, A. C. T. M. Circuito inferior da economia urbana na atualidade e práticas comerciais na fronteira: circulação de mercadorias e transformações espaciais entre Ponta Porã (MS) e Pedro Juan Caballero (PY). **Boletim Gaúcho de Geografia**, Porto Alegre, v. 42, n. 2, p. 455-474, maio 2015. Disponível em: <http://www.seer.ufgrs.br/index.php/bgg/article/view/49007/34031>. Acesso em: 6 maio 2022.
- FACCIN, A. C. T. M. **Dinâmica comercial fronteiriça com o Paraguai: os casos de Foz do Iguaçu (PR) e Ponta Porã (MS)**. Campo Grande, MS: Life Editora, 2018.

FRANÇA, A. Rio Paraguai: mapa, nascente, afluentes, extensão, atividades comerciais. **Escola Educação**, 29 mar. 2019. Disponível em: <https://escolaeducacao.com.br/rio-paraguai-mapa-nascente-afluentes-extensao-atividades-comerciais/>. Acesso em: 30 ago. 2023.

IBGE – Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística. **Cidades e Estados**: população estimada. Brasília, DF: IBGE, 2023.

IBGE – Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística. **Cidades**: Corumbá (MS). Brasília, DF: IBGE, 2023. Disponível em: <https://cidades.ibge.gov.br/brasil/ms/corumba/panorama>. Acesso em: 5 dez. 2023.

MACEDO, H. de A. **Evolução geomorfológica e dinâmica hidrossedimentar da planície fluvial Paraguai-Corumbá, Quaternário do Pantanal**. 2017. 195 f. Tese (Doutorado em Geociências e Meio Ambiente) – Instituto de Geociências e Ciências Exatas, Universidade Estadual Paulista Júlio de Mesquita Filho, Rio Claro, SP, 2017. Acesso em: 7 out. 2022.

SANTOS, M. **O espaço dividido**: os dois circuitos da economia urbana nos países subdesenvolvidos. Rio de Janeiro: Francisco Alves, 1979.

SOUZA, C. A.; SOUSA, J. B. Dinâmica das águas do Rio Paraguai, no alto curso da bacia hidrográfica do Paraguai, no trecho cidade de Cáceres e a Estação Ecológica da Ilha de Taiamã – Mato Grosso/Brasil. In: ENCUESTRO DE GEÓGRAFOS DE AMÉRICA LATINA, 12., 2009, Montevideu. **Anais** [...]. Montevideu: EGAL, 2009. Acesso em: 8 jul. 2022.